

# O DON RUAN DAS ACOPIARAS

Carlos José Gurgel (\*)

Jairo Alves nasceu e cresceu em Acopiara. Seu pai, o velho Pedro Alves era um rico comerciante (diziam que era o mais rico da cidade) que tinha um grande armazém de "secos e molhados" e negociava algodão, além de ter inúmeros prédios comerciais, sítios (o maior era o Tigre) e muito gado.

Teve, como se diz, um berço e uma juventude de ouro. Não gostava de estudar e somente concluiu o 1o Grau. Mas era muito bom negociador, razão pela qual seu pai o colocou à frente dos negócios da família. Sorriso largo, rico e bonitão desde cedo pegou a fama de namorador. E de fato era um "grande pegador". Não dispensava nada.

Rica, pobre, bonita, feia, solteira ou casada (era sua fraqueza), comia todas. Não dispensou nem a mulher do seu maior amigo (mantido em sigilo para preservar a memória).

Na falta de "novas vítimas", não pensava duas vezes, frequentava todos os cabarés das redondezas, principalmente do Iguatú que tinha os melhores bordéis da região. Quando vinha para Fortaleza então, era uma farrá só. Percorria todos os puteiros de luxo da época (a Leila, o Oitenta, o Chez Pierre, etc.). Era muito vaidoso e adorava perfumes caros e roupas de seda. Nas palavras de algumas ex, se vestia e cheirava como um príncipe. Também gostava muito de carros. Foi um exímio motorista e gostava de velocidade. Foi ele que ensinou meu pai a dirigir e eu morria de medo de andar de carro com ele, pois quando pegava na direção só andava "voando". Me recordo quando ele foi a São Paulo o voltou pilotando um "ITAMARATI", o carro mais luxuoso e caro daquela época. Afinal era o carro do Prefeito de Acopiara.

Sua outra grande paixão (talvez a maior) foi a CERVEJA BRAHMA. Era um consumidor voraz dessa bebida, a qual não dispensava em nenhuma oportunidade. Seu ponto era no bar do Emídio Calixto (um dos maiores amigos), onde diariamente bebia uma dúzia de garrafas antes do almoço e outra dúzia antes do jantar. Nos bares gostava de sentar na cabeceira da mesa (para mostrar poder), numa grande roda de amigos ou quem quisesse sentar e não deixava ninguém pagar a conta. Sempre fazia questão de pagar tudo sozinho.

Outra coisa que ele adorava eram as festas no clube de Acopiara, em especial o Carnaval. Também foi um grande dançarino, o chamado "pé de valsa". Foi um incentivador dos carnavais na época em que foi prefeito e sempre saía no Bloco dos Casados. Na sua mesa no clube (sempre reservada e num local estratégico) a bebida corria solta. Cerveja e Whisky não podia faltar. E como sempre, ninguém pagava nada. Bancava tudo sozinho.

Entrou na política pela mão do amigo e ex-prefeito Miguel Galdino (que depois o traiu) contra a vontade do pai, que detestava políticos e as baixarias da política local. E foi na política que Jairo Alves conheceu a glória, a traição e sua desgraça. Elegeu-se prefeito de Acopiara no final de 1968 e exerceu o mandato de 1969 a 1972. Fez uma administração magnífica e de inúmeras obras. Abriu avenidas, fez praças, construiu colégios e estradas nos distritos. Foi na sua administração que se iniciou a construção e pavimentação da estrada Acopiara-Iguatú, com a construção do ponte sobre o Rio Trussú. Numa eleição disputada e

com muitas brigas e baixarias conseguiu fazer seu sucessor, elegendo o Dr. Edmilson como prefeito. Infelizmente seu sucessor não continuou sua obra e Dr. Edmilson fez uma administração desastrosa. Incompetente, desviou recursos, não fez absolutamente nada e deixou a prefeitura falida e a cidade abandonada. Para não perder os eleitores e o poder, Jairo Alves passou a bancar com seu dinheiro as obras e todas as despesas do Município.

Candidatou-se novamente, apostando no seu prestígio e fama de bom prefeito. Gastou toda fortuna e todo o patrimônio da família. Endividou-se para bancar uma das eleições mais caras e disputadas da história de Acopiara. Seu grande rival político e inimigo pessoal foi o Dr. Francisco Sobrinho, que acabou vencendo a eleição e botando Jairo Alves literalmente "para correr" de Acopiara. Comprou uma briga cara, pois Chico Sobrinho também era rico (empresário e fazendeiro) e chegaram a sair "no braço" numa briga ocorrida dentro do Clube Social e que ficou famosa. Chico Sobrinho levou a pior e ameaçou Jairo de morte, o qual passou a andar armado e acompanhado com um capanga (Chico de Nanosa). Foi uma eleição viciada e marcada pelas traições e muita corrupção e negociatas, de ambos os lados. Me recordo com detalhes, pois foi minha primeira eleição e me colocaram logo como Fiscal de uma Seção. Quase morro de medo, pois fui ameaçado várias vezes durante as votações e foi uma roubalheira geral em todas as Zonas.

Eleição perdida, não restou outra opção para Jairo senão fugir de madrugada, logo após a apuração dos votos e a confirmação da derrota. Estava completamente falido e endividado, no comércio de Acopiara, Iguatú e Mombaça, com o Banco do Brasil, com agiotas, com meio mundo. Fugiu direto para Fortaleza, onde tinha construído uma mansão com 12 suítes e até jardim interno (um luxo para aquela época). Endividado até a alma, traído pelos falsos amigos, sem dinheiro e sem emprego, conheceu o inferno. Para sobreviver, colocou os dois carros com os quais fugiu e que sobraram do patrimônio para rodar como táxi. Por algum tempo foi sua única renda. Os táxis eram dirigidos pelo ex-capanga e ex-pistoleiro Chico de Nanosa (fugiu depois por problemas com a polícia) e pelo seu único e fiel amigo Picica, seu motorista quando ele foi prefeito e que nunca o abandonou. O "nêgo" Picica tinha verdadeira adoração por Jairo e rodava 16 horas no táxi e passava fome para dar dinheiro ao patrão. Foi um dos poucos amigos de Acopiara que compareceu ao seu enterro. Depois de muito sofrimento, passar inúmeras necessidades e percorrer incontáveis gabinetes, conseguiu um emprego de "assessor" na Assembléia de Estado. Foi sua salvação e única renda até sua morte.

Posteriormente vendeu a casa, o que restou do patrimônio herdado em Acopiara, os carros e pagou suas dívidas. Nesse ponto ele sempre foi muito correto. Ficou na miséria absoluta, mas pagou todos a quem devia. Só não passou fome porque a mãe, os cunhados e a família (inclusive papai) ajudavam com as despesas e com a feira. Uma tia (irmã de sua mulher Maria Irene) bancou o estudo dos filhos. Minha tia Maria Irene passou a costurar e vender roupas para ajudar nas despesas. Depois de muito sofrimento conseguiu comprar uma casinha no bairro da Parquelândia e, não sei como, conseguiu também se aposentar da Assembléia. Apesar de toda desgraça e sofrimento nunca abandonou suas paixões: MULHERES e CERVEJA BRAHMA.

No seu novo endereço tornou-se freguês assíduo do Bar Azulão, pertinho da sua casa. Era seu ponto, onde diariamente bebia inúmeras cervejas e fugia para a casa das "amantes" que,

segundo minha tia, ele ainda mantinha. De tanto beber cerveja, começou a ter problemas de saúde e tornou-se alcoólatra assumido. Seus filhos, prevendo o desfecho da situação, resolveram tira-lo do bairro. Compraram um apartamento na Aldeota e alugaram a casa, para ajudar na renda dele. Não deu resultado. No novo endereço, passou a frequentar o bar mais próximo, uma mercearia muito conhecida, chamada de "Raimundo Tricolor". E o que era pior, não deixou de frequentar o velho Bar Azulão. Diariamente, de manhã cedo, pegava um ônibus e ia para a Parquelândia "rever os amigos". Dizia minha tia que não, que ele ia era atrás das suas "raparigas". Só voltava de tarde, encharcado de Brahma. Desenvolveu Parkinson e começou a perder a memória e a sofrer quedas e fraturas. Os problemas de saúde foram se agravando e em novembro último teve uma convulsão e não resistiu. Enquanto foi lúcido, reclamava das traições dos amigos e da ingratidão dos seus conterrâneos. Desde a sua derrota em 1972, somente retornou a Acopiara em duas oportunidades e mesmo assim rapidamente. Algumas vezes foi ao Iguatú, ali vizinha, mas não botava os pés na sua cidade natal. Foi enterrado em Fortaleza por pedido próprio, quando ainda estava lúcido. E por decisão dos filhos, que assim como o pai, também não andam mais lá nem de passagem.

Dados pessoais:

Nome: José Jairo Teixeira Aves

Nascimento : 10/06/1932 em Acopiara-CE      Faleceu : 27/11/2008 em Fortaleza-CE

Filiação: Pedro Alves de Oliveira (natural do Baú, distrito do Iguatú-CE) e  
Carmina Lima Alves (natural de Tauá-CE)

Irmãos:

1. Luiz (casado com Maria Celsa)
2. Tarcísio (casado com Ivone)
3. Iolanda (casada com Dr. Lauro Herbster)
4. Ivanize (casada com Dr. Gentil)
5. Zélia (casada com Dr. Agrimar)
6. Inês (casado com Dr. José Colares)
7. Aparecida (irmã adotiva - solteira)

Foi casada com minha tia, Maria Irene Holanda Lavor (natural do Iguatú) com quem teve 04 filhos:

1. José Wellington (formado em Computação) casado com Inês
2. José Weber (advogado e procurador) casado com Ana (segundo casamento)
3. José Winston (comerciante) casado com Iara
4. Nádia Maria (filha adotiva) casada com Klaus (um alemão esquisito)

Matéria 26,